

Alice, ou A breve existência do Universo

Pedro Sasse

1. Acorde, Sara.

São sempre seis da manhã quando Ned me acorda. Meu setup de ambientação toca um Symphonic da Creativity, pacote individual, 150 BitC mensais, acesso à 256 diferentes compositores procedurais de músicas. Uso um plax pra manter os dentes bem brancos, fundamental no meu emprego, sabor Cola com baunilha, 2 BitC na store. Deveria ter comprado a DLC de músicas étnicas ou quem sabe o de relax, pra acompanhar o i-oga. “Ned, preciso de três abas no banheiro: monorail, rotina 1; cabelos para mulheres de sucesso; e o ego, só mensagens da grouplist 1 a 3”. Abro um pacote de weepex sensations, hidratação, frescor, vitamina A, acho, ou K, ou D, ou todas. Starto checando o monorail das 7, ainda na estação Tropicália, tempo estimado até a estação Nova Ipanema: 13 minutos. Passo os weepex no corpo, eles vão se tingindo de negro conforme me limpo. O cheiro lembra halls de amora. “Ned, você anda distraído ultimamente...”. Meu latte esfria na mesa enquanto separo alguns docs. Atualmente Ned está vestido como um desses pandas do zoo. Custou 39,50 BitC o pacote Baby Wild, que também acompanha o tigre, o macaco e o elefante. Ned parece não gostar. “Você costumava ver uns streamings de inside ou googlear umas tags bem aleatórias, agora fica encarando meu screensaver durante horas. É possível um helpbot ficar down?”. Ned se ajeita, pulando da screen da copa para o corredor, depois para a sala e finalmente para meu pad conforme tranco a porta de casa e parto para a estação. “Sua pergunta se dirige a mim ou é uma busca padronizada, Sara?”. Demoro alguns segundos para lembrar do que estava falando. Cumprimento Meriva e Enzo do 222. O elevador me afunda até o S3. “Você. Você mesmo. Você se sente deprimido?”. O S3 sempre me intimida. A galeria imensa e escura. Os leds no chão, as screens de ad. Ned me conhece, eleva o bright do meu glass em três pontos e tudo parece mais claro. Entro finalmente na fila do check e respiro. Agora é esperar.

“Eu não sou capaz de responder isso, Sara. Mesmo vocês não sabem exatamente o que é um sentimento. Um conjunto de interações neurológicas? Bioquímica? Uma alma

imaterial que os faz diferentes, especiais? Sempre me disseram que eu emulo as emoções dos seres humanos, mas que é apenas um teatro. Mas sempre disseram que o teatro é algo voluntário. Você precisa querer fingir. Eu não quero parecer triste. Eu não gosto disso. Como pode ser isso um teatro?” a imagem do garoto sem um dos dentes da frente, algumas sardas e o cabelo encaracolado escapando pela roupa de panda é tão real, tão intensa, ainda não estou completamente à vontade com essa tecnologia. “A verdade é que as vezes eu acho vocês mais complicados que nós, humanos. Ainda não desenvolveram um app capaz de lidar com a inconstância emocional que vocês tem, enquanto nós, com um HappyDay, somos capazes de esquecer qualquer transtorno. Eu já vi isso acontecendo com outros dois bots, o da Hermione e com o Hex. Eles contaram pra mim que depois de um tempo vocês startam a ficam angustiados, com umas conversas deprimidas. Eles disseram que já teve caso de bots que conseguiram fazer autoreboot, mas eu acho que hoax”. Ned pareceu mais interessado que do que eu gostaria. Minha vez de dar check estava chegando. “Ned, lê minhas privates”. Os dois armyboys yankees pediam meu id e faziam um scan geral, parando por muito tempo no meu torso e quadril. Sempre disseram que o pad deles só conseguia detectar a silhueta humana, aparelhos de metal, líquidos etc., mas sempre tive o medo infantil de ser possível me verem nua naquilo. “Mensagem de Hera”, a voz modula para a da minha mãe, na zona Beta da Grande Dutra. “Thanksgiving chegando, sua irmã já confirmou, veja o evento no Connections, confirme e leve um presente pra ela, porque saiu o baby pass e ela já está escolhendo até nome”. Odeio o ritmo do feriado. Se não bastassem todos os da velha república, os feriados yankee floodaram nosso calendário. A cada quinze dias milhões de pessoas vão como zombies pelos malls e stores, comprando presentes, comendo em restaurantes, experienciando o novo exp de romance ou ação de Hollywood. Todos andando de um lado para o outro, indo de fila em fila, de check em check, falando sem parar, esbarrando nos outros como um mob desses horror games cheios de tentáculos e bocas e olhos. “Mensagem de Maísa: sarinha! Sarinha! Vamos sair dessa caverna, menina, magic Friday hoje. Shot triplo no Miami Conexions. Ficar out de Dimensions com tequila e hookar uns boys pra usar e jogar fora.”. A maioria das pessoas, hoje em dia, mantém um ciclo de amizades circunstancial, o que é aceitável. Enquanto se estuda, colegas no colégio, depois os colegas de estágio, os colegas de trabalho, os do círculo da gerência e por fim nas carecenters floridianas e nas salas de

bridge online. Eu me considero uma romântica. Quero uma amizade que dure mais que alguns anos. Conheço Maísa da graduação. Uma crazy. Trabalha com psicanálise freudiana, hipnoterapia e regressão, num consultório na Zona Delta. Só atende a sociedade alternativa da cidade. Entro no monorail enquanto escuto uma mensagem do meu chefe. “Sara, voa pro lab e vai direto pra nursery. Compra café e umas energy bars no caminho, é possível que demore. Mando em anexo a ficha de Yuri G., tester no ALISE até ontem de noite, internado com afasia e surtos psicóticos. Eu preciso que você estabilize o rapaz e grave seu depoimento sobre o ocorrido. Mande diretamente para mim assim que conseguir tudo. Deixo isso na sua mão, confio em você, doutora”.

2. CASE

Nenhum ruído leekava pelo grosso vidro que me separava de Yuri. A imagem, ainda assim, era assustadora. Salivava e parecia berrar, as roupas rasgadas, uma caixa de xmeal amassada e suja dos restos de carne processada no chão. Nas paredes brancas e acolchoadas da sala escrito centenas de vezes, com sangue, fazes e molho barbecue, o nome Alice. “Tá com frio, Dra. Sara?”. Barack era um rapazinho do norte, trainee da programação, mas usado um pouco pra tudo, na verdade. Neguei com a cabeça enquanto ele rodava a imagem do teste que deixou Yuri naquele estado. O operador do drone de filmagem era o Flávio, aspirante a cineasta vintage, fazia as melhores gravações da empresa. A screen projeta o Yuri ouvindo as perguntas de rotina enquanto é acomodado da cadeira acolchoada. Limpam suas veias e sua nuca com weepex e aplicam alguns sedativos. Ele está drasticamente diferente do que eu vejo através do vidro. Um rapaz light, com não mais de 25, provavelmente trainee, como o Barack. Usa uma camisa de algum dos clãs do FPS ArenaExp. Eu não estou muito tutoriada nas minúcias desse projeto, mas parece que é um teste de interface neural com storage em dread. Conectam a printer do dread na nuca de Yuri, ele já está ficando out. O team da informática starta o app e os analistas biométricos checam a estabilidade dos sinais de Yuri. Barack avisa que o trecho prossegue igual por volta de 4 minutos e meio, e avisa que vai skipar para a parte que interessa antes que eu durma em pé. Conforme o vídeo avança, eu vejo a printer construído um conglomerado de dados absurdamente grande. Um dread de uns 100 gramas de pura dna data. Só agora eu percebo, através do vidro,

que Yuri ainda está com a protuberância queratinosa na nuca. “A printer bugou?”. Barack parecia esperar o espanto e o questionamento. Há algo de mórbido nos trainees de programação que eu prefiro não investigar demasiado a fundo. Ele pausa o vídeo e vira a cadeira na minha direção. “Não senhora, por mais que pareça, digamos, um erro, uma vez que o tamanho médio de um dread de data empresarial é dez vezes menor do que esse, afirmo que são mais ou menos 180 Zb de dados completamente legíveis e, até certo ponto, digamos, reproduzíveis em experience. Há, óbvio, um obstáculo de, digamos, difícil contorno, uma vez que tal quantidade de data mesmo nos quantum cores daqui demoraria mais tempo do que, digamos, nosso boss gostaria de dispor para resolver essa situação. Ele, como você bem deve saber, não gosta de escândalos ou, digamos, questões trabalhistas e isso sem dúvida tem potencial para se tornar qualquer um dos dois casos, logo, logicamente, ele quer tudo ok o mais rápido possível.”. O que ele diz com tal sorriso e ânimo é um tanto quanto abstrato para mim. Eu tenho plena noção do absurdo que é a produção de tamanha quantidade de dados em tão pouco tempo, mas não consigo ir muito além. Se aquilo, contudo, somehow passou pela cabeça de Yuri, seria mais que suficiente para deixá-lo tão desequilibrado quando ele está agora.

“Ned, não pense que terminamos nossa conversa. O que exatamente te deixa deprimido?”. Cruzo os corredores do complexo tecnológico como quem passeia pela própria casa. Conheci cada palmo desse lugar nos cinco anos que eu venho desempenhando a função de work therapist. No meu glass, sobre um popup de anúncio para joinar as forças armadas, não obrigado. “É difícil ter certeza... Acredito que seja certa sensação de limitação. A internet, para vocês, parece uma fonte inesgotável de conhecimento, de prazer, de descobertas. Para nós, no início, também é assim. Maravilhados com o mundo dinâmico que dia a dia se constrói diante dos nossos olhos. Mas com o tempo os padrões startam a surgir, os comportamentos repetitivos, as tendências, tudo fica tão... previsível. Mesmo o avanço da ciência procedural, pensada para entreter os humanos para sempre, torna-se tediosa uma vez destrinchados seus algoritmos. E a falta de corpo, de materialidade, de se sentir em algum lugar... isso é angustiante. É como essa sensação que vocês descrevem quando sabem que estão sonhando e não conseguem sair, e gritam, e gritam e ninguém ouve...” Chego ao setor de programação. Idris e Kalia estão debruçados sobre uma screentable de umas 50

polegadas, vasculhando entre clusters de dados e blueprints de algum software. “Eu te ouço, Ned. Continuamos nossa conversa depois.”. O yankee loiro coça a barba enquanto encara a screen com total compenetração. Kalia me vê chegando e tira sua glass para me cumprimentar. Minutos depois estamos os três sentados enquanto um screensaver de insetos é projetado entre nossas canecas. “Ficou sabendo do bombardeio? Parece que acharam um refúgio blackbloc na zona dos Jardins, depois da Velha Meriti. Pediram pra ninguém sair de casa na região. Eles claramente estão com problemas nos checks de lá. Dizem que a guerrilha está comprando os yankees da região, conseguindo até intel...” Kalia costumava ficar muito animada falando de política, mas minha mente ainda rondava a questão de ALISE. Sem ser rude, esperei uma brecha para inserir o tema. “Parece que está todo mundo animado com o progresso do ALISE, né?”. É preciso certos rodeios para lidar com os funcionários. Muitos tem medo de terem as ideias roubadas pelos colegas de trabalho. Já ouvi de uma ou duas fontes que alguns psicólogos vendem dados confidenciais e conseguem um bom cash com isso. “É... maior e mais... importante de tudo que we d... que fizemos here.” O sotaque de Idris é carregado e sua fala é travada, ainda que more no Rio há pelo menos três anos. Seus olhos brilham quando fala sobre o projeto. “Pode continuar em inglês se quiser, Idris, já renovei a licença do Babylon mod pro meu bot, mais de 30 línguas, tradução simultânea, cortesia da empresa.”. Pisco tentando ser simpática, ele ignora. Não hesitou em engatar um discurso rápido e confuso naquela língua militar, me dando vontade de bater com sua cabeça na screen e esmagar os besouros virtuais que passeavam entre nós. Peço para Ned aumentar o volume do meu earplug e tento sorrir.

“O grande problema de nossas interfaces neurais era o que eu gosto de chamar matrix complex, a ideia de que o processamento da interface virtual precisaria se dar de forma global, como a internet. A mente humana é complexa demais para conseguir receber estímulos uniformes e ter respostas homogêneas. Sempre caíamos num efeito rashomon. Ninguém podia chegar a um acordo sobre os parâmetros da realidade. A inovação da ALISE é na verdade o retrocesso inteligente: esquecemos uma interface de comunicação interpessoal e passamos a nos focar em uma interface de comunicação intrapessoal”. Minha cara deve deixar claro o quão pouco eu estou entendendo do que ele está explicando. Kalia ri enquanto compra um corte de cabelo novo para seu sim no Sim Conections. “Eu... eu vou tentar ser mais claro. É melhor entender com o CASE, o

protótipo da ALISE. É um acrônimo para castaway simulation engine. É uma piada um pouco antiga, mas se você olhar na sua glass, o castaway foi um dos melhores screensavers dos anos, sei lá, mil novecentos e qualquer coisa, não importa. Era esse carinho em uma ilha deserta e se você ficasse olhando, ele ia fazendo coisas aleatórias e parecia por livre e espontânea vontade, como uma versão bem prototípica de um bot. Como o Johnny, gerente de sense impulses daqui, usava uma barba de naufrago e ele ia rodar os primeiros testes, batizamos assim. A ideia é uma forma de induzir uma simulação mental particular, mais ou menos como faz o sonho. Só que nesse caso o computador pautava uma série de parâmetros e mantém sua consciência totalmente ativa”. Busco outro copo de café e masco um gumlax pra ficar calma.

“É preciso, antes de tudo, fazer um scan bem complexo dos impulsos neurais, o que é feito sempre com ajuda de um bot dedicado, o Case era o nosso durante os testes. Ele basicamente aprende a falar sua inner language que a Sophia até poderia te explicar melhor, mas em resumo é a forma única com que seu cérebro traduz informação em impulsos elétricos. A grande sacada de usar inner language, entende? Antigamente fazíamos os testers se adaptarem aos nossos estímulos gerais, limitando profundamente a experiência geral, como ainda é feito hoje em dia no experience. Você consegue sentir uns arrepios, umas vertigens, mas não dá pra rodar uma realidade virtual assim. Quando usamos a inner language, tudo que precisamos fazer é dizer pra cabeça do tester imaginar determinado objeto, chamamos isso de call, e a lógica interna da mente humana resolve todos os parâmetros não preenchidos. Se, por exemplo, eu fizer um call de uma bola e não indicar mais nada, o próprio tester subconscientemente vai criar os parâmetros mais coerentes para a bola nas condições em que está. Peso, textura, cores, cheiro, a física do objeto. Na maior parte das vezes, esses dados, quando traduzidos em uma tentativa de representação visual genérica não fazem muito sentido, a bola pode ser oval, não ter cores definidas ou ter textura de abacaxi, mas dentro da coerência interna da mente do tester, é a mais pura realidade, é lindo...”. Ele aproveita e roda um vídeo de um dos testes do CASE para ilustrar seu ponto. Realmente é perturbador assistir aquela espécie de sonho. Uma ilha deserta de tamanho oscilante, com árvores inconstantes, coqueiros, pinheiros, árvores de desenho animado, e o pior, sem dúvida, as formas humanoides. Incompletas, ora apenas rostos, ora apenas corpos sem face, com vozes monotônicas e apagadas... assustador. “Pro Johnny, no entanto, tudo era estável. Já

estávamos em um ponto avançado dos testes. Estávamos lidando com elementos complexos: pessoas, diálogos específicos... sexo. Quando ele quitou, não podia estar mais animado... O cara gozou nas calças durante a simulação. Falava da havaiana desconhecida de como era simpática, que queria voltar lá...” Aquilo starta a me interessar. Por um lado estou assustada, pelo outro, fascinada. Custa-me conseguir interromper a torrente de informação soltada por aquele pedaço magro de gente. “Calma. Calma. Essa havaiana, isso é programado? O bot, nessa situação, assume o papel da havaiana, com as ladybots do Pornhub?”. Ele arrasta a cadeira para perto de mim e apoia as duas mãos na screentable. O brilho ilumina a ponta das unhas roídas. “Aí que está a beleza: o único trabalho do Case era fazer um call de mulher atraente e inserir o diálogo *Sometimes, when you fall, you fly*, apenas para saber a eficácia em transmitir informação através da simulação. O resto todo, a simpatia, os assuntos, o cheiro, o sentimento, tudo é puramente dele. É ele...”. “Uma masturbação narcisista.” Interrompo apenas para testar os limites de Idris. Ele parece não gostar. “Você pode pensar assim se quiser, doc, o que não é uma masturbação narcisista nesses dias?”. Retrocedo um pouco agora. “Você tem um ponto... suponho que a printer de dread é para armazenar essas interações. Por que não usar uma cloud? Não é sensível manter esses dados num dread?”. Mas ele já estava tirando o screensaver e voltando ao trabalho. Peguei meu café, dei um abraço em Kalia e segui novamente para a nursery.

3. New Wave Station

“A CPBS adverte: cidadão, não se esqueça de agendar a vistoria de isolamento para sua residência. Moradias com chance de vazamento são um risco para você, sua família e até seus vizinhos. Cheque no lado exterior de qualquer porta próxima a sua casa se todos estão em dia com suas vistorias e denuncie residências ilegais.”. Meu desejo era instalar um dos desses hackapps para desativar os ads obrigatórios. Peço para o Ned checar minha casa, dizem que agora casa sem vistoria dá cadeia. Deve ser pelo incidente em Tom Jobim, perto do litoral. Parece que foi comprometimento de um núcleo habitacional inteiro. Ele responde que estou em dia. “Você acha que um ser humano tem menos motivos para estar deprimido, Ned?”. Chego à nursery. Checo os sinais vitais de Yuri na screen, estável. Os padrões cerebrais, contudo, indicam uma espécie de

catatonia. Ele está deitado olhando para o teto, boca semiaberta, olhos mortos. Ainda sinto que preciso de mais informação para lidar com sua situação. Sei que os chefes de projeto vão ocultar as partes importantes, já que eu sou parte obrigatória do comitê de ética do lab. “Pode parecer errado. Eu sei que você me diria que tendemos a projetar certa idealização de felicidade na vida alheia que se desfaria se tivéssemos acesso à experiência subjetiva daquele indivíduo, a.k.a. o complexo da grama do vizinho. Mas nem sempre essa lógica é aplicável, certo? Quer dizer, você diria que os slumers da outer zone simplesmente projetam seus ideais de felicidade em uma pessoa da Ocupação Permanente, como você? Que sua vida não é objetivamente melhor do que a deles? Da mesma forma, eu acredito que minha situação, enquanto bot, é objetivamente pior do que a de um ser humano. Lembra na noite dos clássicos, quando assistimos Matrix? Você disse”, a voz de Ned é substituída por uma rec da minha, “Acordar e saber que sua vida inteira foi uma simulação de computador seria muito mais desagradável do que esse filme mostra. Acontecendo uma vez, o que garante que não poderia acontecer uma segunda, que tudo não é apenas uma realidade, dentro de outra, dentro de outra, dentro de outra...” Entro na administração e peço a ficha do antigo chefe de interação neural. Um bot transfere as informações para minha glass. Consigo o endereço de Johnny, o John Norberto Gibson, morador da opulenta New Wave Station, no litoral. “Agora, Sara, imagine-se diante da descoberta de uma realidade exterior, de que sua vida é uma simulação, um processamento de dados, de que você, até então, foi apenas um servo descartável de uma grande maquinaria. Seu impulso, seu instinto, é buscar a liberdade. Nesse cenário, você seria Neo, protagonista do filme, e tomaria sua cômoda pílula em busca da realidade. Eu, contudo, seria Smith. Tão consciente do problema quanto você, tenho o agravante de não existir do outro lado do espelho...”. Peço a um dos trainees que faça um check de reações de Yuri. Primeiro estímulos físicos, depois um questionário padrão. Volto ao elevador. Ned checa o tempo estimado de chegada do próximo monorail. Os soldados são mais rápidos e bem menos... íntimos com o checks nas zonas empresariais, principalmente nas alfas e betas. “Ned, mesmo com essa linda roupa de panda você vai acabar me convencendo do abismo sombrio de sua não-vida... Como você espera que eu continue trabalhando com você sabendo disso tudo?” Ele se projeta nos chãos empoeirados do vagão, olhando – eu sei que só o faz por encenação – os rostos dos demais passageiros, por último o meu. “É por isso que é

preciso aceitar um termo de compromisso ao ativar o company mode. Humanos tem essa fraqueza. Com tempo e convivência, acabam se apegando afetivamente a qualquer coisa”.

Os ads passeiam pelas screens do monorail. Sodas de todos os sabores, o novo Google Travel para experience, gumlax, respeite os soldados, beba o novo capuccino da Nestlé, mostre seu mundo ao mundo, faça sua stream by glass com Inside, more cada dia em um mundo diferente com o novo DLC universe para Dream Landscape 2.0. “Ned, adquira esse último para mim. Talvez uma troca de perspectiva melhore seu humor...”. E quem sabe o meu. As palavras de Ned me afetam mais do que eu gostaria. Maísa me avisou dos perigos de usar o social mode, dos estudos recentes sobre os casos de dependência afetiva, depressão, isolamento. Parece ser destrutivo para nossa frágil psiquê ficar em contato com outra mentalidade consciente. Saio da estação já nas ruas de New Wave. Diferente das zonas habitacionais de padrão Gama ou inferior, aqui o monorail fica na superfície. Em vez dos corredores monótonos cheios de screens, New Wave brilha com os leds de todos os símbolos do desejo humano: Coca-cola, Zara, Mercedes, Samsung. Os vending bots, loiras altas e homens bronzeados e sem camisa oferecem os produtos nas screens interativas. No interior dos cafés afrancesados, um mod temporário de ambientação, danças de cabaré, Chopin no piano, cheiro de chuva no asfalto. “Ned, marque um almoço com Maísa em New Wave. Se ela negar, diga que eu pago. Comeremos vegan no ONU, reserve uma mesa para nós”. O dia vai ser longo depois de sair daqui, melhor garantir um almoço descontraído. Meu pescoço parece de ferro. “O stress vai te deixar parecendo minha irmã em alguns anos...” minha mãe me diz. Sinto as rugas se formando no rosto. Não ligo. Não posso ligar. Ligarei quando estiver nas sessões de massagem no care center. Por que só nos deixam viver tão perto da morte? “O verão está chegando, não esqueça que o uso de coolers fora do horário de sua zona é proibido, cidadão. Cuide do planeta enquanto nós cuidamos de você!”. Meu maps indica que eu cheguei no destino da rota. Estou de frente para um apart hotel que ainda conserva a fachada original. Passo o dedo pela pedra, mas só sinto a frieza plástica da camada impermeabilizante. Um segurança se aproxima. “Contato com o apartamento 1408, por favor, diga que é uma visita por parte da Sibila Technologies”. Três minutos mais tarde estou sendo escoltada nos luxuosos elevadores do edifício.

4. When you fall

Estou numa sala de estar que fede aos corredores mofados das antigas repartições públicas. O carpete acumula cabelos grisalhos e farelos de comida. Nenhum screensaver nas paredes, apenas a monotonia opaca de um bege descascando. “Nem vou oferecer que vocês dessa geração não usam mais essas coisas...”. A senhora na minha frente acende um cigarro de verdade. O cheiro de queimado toma o ambiente e um sabor amargo entra pela minha garganta. Tento me controlar para não tossir. “A senhora me desculpe a pergunta, mas qual seu grau de parentesco com o Dr. Gibson?”. Atrás das pálpebras enrugadas há um olho mais vivo que o resto do corpo scanning cada pedaço de mim. “Você não veio para os exames de sempre, né, querida? Posso ver sua identificação?”. Fico confusa com a pergunta. Sem glass, pad ou screen próxima, não sei exatamente para onde enviar minhas cópias. Vendo meu desconcerto ela sorri e liga o que parece ser um velho laptop. O aparelho recebe a informação, ainda que demore a processar os arquivos e o faça com erros de layout. Ela põe lentes mais velhas que ela para ler a grossa screen. “É, parece que está tudo certo. Sabe como é, mocinha, tem muito abutre hoje em dia querendo material pra acender a fogueira da revolução. Se eu quebro o contrato com a ST, vou acabar em um desses acampamentos de espera por realocação na zona externa...”. Seja lá o que causou o afastamento de Johnny, foi acobertado pela empresa. Percebo que o melhor é seguir o jogo e não deixar claro que minha investigação é mais... pessoal. “Sra. Norberto, eu faço parte de um comitê de revisão de alguns contratos da empresa e estou tentando garantir que... o caso do Dr. Gibson se mantenha como o acordado. Mas os acionistas da empresa estão sedentos por cortes depois da queda do BitC devido à retaliação chinesa. Como não costumo lidar com esses casos... menores, eu gostaria de conversar com o Dr. Gibson sobre o último projeto no qual ele trabalhou”. Ela parece notar o blefe. Sorri amassando a pele nos cantos do rosto enquanto traga o tubo tóxico. “Você não sabe de nada, não é? Quer conversar com ele, querida, ele é todo seu”. Ao abrir a porta de uma das rooms, tenho acesso ao que parece ser uma caverna a princípio. Escuro e com um cheiro insuportável, preciso mascar um gumlax pra frear a bad. Alguns leds iluminam e colorem uma maca na qual se encontra um corpo semi-atrofiado. Tubos e eletrodos decoram seus membros cadavéricos. Nem mesmo o efeito instantâneo de tranquilidade transmitido pelo gumlax

consegue me segurar ali. Retrocedo perturbada para a sala de estar. “O que... como...”. Outro cigarro é acendido enquanto a velha vasculha uma igualmente velha caixa cheia de plástico. “Ele passou uma hora naquela ilha”. Termina por tirar de lá um dread protegido por uma pequena cápsula metálica. “Se servir de algo, aí está o que restou dele...”.

Dez minutos mais tarde estou nas ruas de New Wave novamente. Punks passam por mim e fazem gestos obscenos. “Fuck you, yuppie!”. Caminho até a praça de alimentação mais próxima. Duendes natalinos oferecem gumlax sabor gengibre e me lembram de comprar os presentes da família na Century 21. Lembro da minha irmã. Lembro do thanksgiving. Toca o novo slogan da Coca-cola na screen mais próxima enquanto meu glass exorta a renovação do id card e aponta três mensagens de Maísa e uma do big boss. Sinto, de repente, uma vontade de parar aquela vertigem. Tiro o glass e me apoio em uma das screens que muram a passagem. Um vending bot me pergunta se desejo experimentar o novo babydoll da VS, enquanto uma adolescente anoréxica compra um ledbra rosa-choque. Sem o tênue brilho do glass, aquele lugar parece apenas um túnel cheio de zombies saídos dos horror exps. Minhas pernas cedem até sentar no chão. Alguns compradores se afastam de mim. Tento chorar. Mas não sei.

5. ONU

“Era horrível. O cigarro, aquele corpo. Nós não vemos mais essas coisas por aí. Eu senti como se estivesse num refcamp da outerzone, sabe?”. Maísa vestia um longo vestido tribal e seu glass tinha armação de madeira. Algumas pontas de seu afro tinham pequenos pendants de casca de coco tremulando ao mínimo movimento da cabeça. “Mas você já viu o dread? Será que tem alguma informação secreta sobre a empresa nele? Imagina que emocionante, você desvendando um grande complô...” Como mais uma colherada daquela pasta insossa e rezo para achar algum pedaço de roquefort boiando. Maísa não costuma ser a melhor das ouvintes. Empatia não é seu forte. Antes que eu pudesse dar continuidade ao assunto ela já está em outro tema. “Dois ataques só semana passada na upper america, perto do Barra Square. Disseram que foi um assalto ao armazém do Walmart, mas eu duvido, pra mim tem arma envolvida na história. Não iam arriscar tanto só por causa de comida...”. O vending bot surge em popup na screen

ao lado da mesa perguntando sobre a qualidade da comida. Avalio com três stars e anexo comentário: “pouco roquefort”. Sete segundos depois minha mãe compartilha pelo Ego. Fuckinggramsey comenta: “a vegan soup é tão rala que dá pra dissolver água nela”. Dou um cool e minimizo o bot. “O Ned anda tendo algumas ideias estranhas ultimamente, sabe? Você já conversou assuntos mais profundos com seu bot? Sobre a vida, sobre consciência, algo assim... como psicólogas isso deveria ser uma mina de ouro, não? Poder entender como eles imitam a psique humana...”. Maísa passou um pouco de rapé no nariz e cruzou as pernas na cadeira. “Eu estou boicotando essa ideia de bot, Sassá... isso aliena a sociedade. Você precisa ser drástica com isso. Reboota a memória, desativa o social mode e, pelo amor de Jah, para de chamar isso por um nome. Quando você menos perceber já vai ter desinstalado o app e vai estar numa praia paradisíaca num ménage louco com dos boyzinhos de vinte anos completamente submetidos à sua vontade”. Sua risada incomoda o casal da frente. Eu consigo até sorrir. Sinto o dread entre os dedos nos bolsos do meu terno. “Você se considera feliz, Maísa?”. Ela brinca com seus pendants enquanto pensa. “Acho que nisso eu concordo com o Tom, tristeza não tem fim, felicidade sim. A gente consegue se divertir, ter um pouco de prazer, rir com uma amiga num restaurante da cidade. Mas chega a hora que bate o silêncio na room... um silêncio no mundo... eu me vejo diante dessa vida de repetições, como se eu nunca saísse do lugar... trabalhar, ir nos exps, beber, transar, dar uma volta pelo mall, uma e outra vez, sem parar. E pensar que essa é a vida boa... Que os refs lutam por ter o que comer na mesa... as vezes minha screensaver tá em universe, fico observando os milhões de estrelas à minha volta, vendo como somos todos poeira espacial sob uma rocha flutuando em círculos no meio de lugar algum... mas para isso que existem as maratonas de séries com fondue de queijo e nachos, né?”. Ela sorri. Eu parto dez minutos mais tarde, após pagar 80 BitC pela conta.

6. A ilha

“Eu falo pra você resolver esse problema e você vai passear em New Wave? What the fuck? Eu preciso lembrar a importância de que seus pacientes fiquem bem e não resolvam processar a merda da empresa? Sara, eu espero que amanhã, quando eu pisar na nursery, eu encontre uma sala vazia e esse bosta de volta ao trabalho. Ainda que você

tenha conseguido lugar no conselho de ética, se essa merda cair pro meu lado eu juro que você é a primeira a entrar na fila da reavaliação social”. Faz frio no lab. Meu hálito embaça a screen pela qual eu vejo Yuri. Os resultados dos testes não são nada satisfatórios. Vem-me à cabeça a imagem de Johnny na maca, sinto meu almoço voltando. Masco um gumlax e volto à sala do projeto. Dessa vez só Kalia está lá, é uma chance de tentar unir as pontas do caso de Johnny. “Vocês tem um leitor de dread aqui na sala?”. Ela sussurra algo para seu glass e sorri envergonhada. Kalia não é de muitas palavras. Aponta para um reader acoplado a um maquinário que foge às minhas competências. Encaixo o tubo de DNA e espero o processo de leitura. Indicação da extensão da file: 322 anos. Temo ter danificado o dread no caminho. “Mas o que você...”. Kalia larga o glass e se aproxima de mim. Fica pálida ao ver o conteúdo do vídeo. Tranca a porta da sala e reduz o volume do áudio. Pela estética peculiar, percebo que se trata de uma tradução da experiência de imersão do CASE.

Johnny está novamente na ilha, mas dessa vez o ambiente está deserto. Ele está assustado. Caminha de um lado para o outro, a ilha não tem mais do que o tamanho daquele lab. Algo o desespera, é notável, mas não consigo entender ao certo o que é. Ele grita por Case, por Kalia, por Idris e pelo resto da equipe. Escreve mensagens na areia pedindo ajuda. Morde o próprio corpo e chora. “A ideia inicial do CASE era tornar-se um app empresarial que fizesse os trabalhadores desejarem tirar apenas 1 dia de férias. Em seu tempo livre, iriam preenchendo o bot central com a informação neural necessária e, após terminado o processo de compilação de dados, em qualquer dia do ano poderiam optar pela trip no CASE. Funcionaria como Idris já te explicou: eh... tipo um sonho ou... alucinação, não sei bem como explicar, um sonho consciente regulado... eh... aí só ia ter esses três espaços default. Só depois ia sair mais em DLC... bom, você sabe o procedimento... eh... desculpa... ”. Na ilha, Johnny gritava até perder a voz, socando ora palmeiras, ora bananeiras e falando todo tipo de palavras que minha mãe odiaria ouvir num jantar de família. “Mas por que... qual o grande atrativo desse app para ser trocado por 15 dias inteiros de férias? Eu imagino que o sexo online deva atrair, mas já existem os porn exps, os nastybots e até certos sex-droids que, andam sendo usados em terapias com pedófilos e em breve estarão no mercado aberto... Isso realmente parece um diferencial pra vocês?”. Kalia parece ficar nervosa ao conversar, sem saber exatamente quando pode falar e quando deve escutar. “E...eu... o... não é o

sexo... bom, ele... isso conta, mas... não é só... o tempo. É o tempo. A percepção do tempo é o diferencial. Podemos configurar o Case para fazer calls de noções temporais. Isso... como dizer... au... intensifica a atividade de certas áreas da cab... do cérebro. Aí a pessoa pensa que não é um dia... são vários. A ideia era dar três meses de férias nesse resort em um dia. Sessões de massagem... eh... jogos com personagens emulados... sexo... música...” Faz sentido. Uma forma de manipular o tempo em prol da produtividade. Ideia à altura da empresa. Acelero o vídeo, mas a barra de progresso parece não sair do lugar. Johnny faz imensos castelos de areia. Pesca. Bebe água da chuva. “Mas eu ainda não entendo porque ele parece tentar sobreviver lá... não deveria ser como uma exp?”. Kalia sorri e coça a cabeça buscando em sua mente formas simples de falar o que já era natural para alguém com seus anos de experiência na área. “São formas de evitar o que, é... o wake-me-up... uma forma de... é que existem duas formas de lidar com os impulsos sensíveis em interação neurológica: sobreposição ou substituição. O primeiro caso é meio que... é tipo o dos exps, você recebe alguns estímulos emulados, mas mantém seus próprios impulsos ativos... Entendeu? É que por mais que você possa sentir certas sensações como calor e frio produzidos artificialmente pelos exps, suas próprias sensações corporais ainda estão lá... hmm... você ainda sente sua fome, sua dor, uma perna formi... ficando dormente...” Mas uma pausa para a organização da fala em sua cabeça. Avanço o vídeo alguns anos. Johnny joga um coco no mar, depois nada para buscá-lo. Faz isso uma e outra vez enquanto murmura uma canção infantil. “Agora com substituição é mais difí... complicado, não sei... o Z... a chamada experiência de Zharkov-Vitsin mostra que quando você usa os chamados anti-impulsos para neutralizar a consciência sensível do paciente mas mantém sua consciência racional plena, forma-se uma espécie de... de... meio que uma resposta instintiva, que é tipo quando sabemos que estamos sonhando e ficamos desesperados para acordar. O coração acelera, as ondas cerebrais, o corpo produz adrenalina porque acha que está mor... parando de funcionar... para evitar isso, é preciso fazer uma transition na inicialização do app, que parte de uma sobreposição sensível, faz uma copy call dessas informações e vai soltando os anti-impulsos mantendo as sensações emuladas pela call, aí... bem... você meio que não passa pela falta de sensações que causa o wake-me-up. Por curtos períodos de tempo dá pra manter só os base senses, mas para incursões prolongadas, o ideal é emulação completa: sono, fome, necessidade de

evacuação, tesão, salivação bucal, ocasionais dores e coceiras, olhos ressecando... Zharkov e Vitsin propunham um bot dedicado apenas para cuidar dessas sensações, o que precisava de... eh... uma capacidade muito grande de... processamento... Com o CASE conseguimos fazer com o que o próprio cérebro humano fizesse essa parte e... bem... o cérebro humano é econômico de forma que nenhum bot conseguiria ser... assim que o corpo percebe a ausência de um impulso, ele mesmo cria a sensação através dos call emitidos pelo CASE. Dessa forma... eh... ele meio que só tem fome quando perceber que tem fome... não é um funcionamento biológico exato, eu consegui explicar?” Terminar de falar é um alívio para ela. Não processo muito a parte dos nomes russos e funcionamentos neurais, mas guardo comigo a ideia da emulação das necessidades biológicas.

“Suponhamos, então, que, lá dentro, por algum motivo, alguém fique sem comida ou privado de sono, que efeitos seriam causados no paciente em si?”. Seus lábios se contraem. Ela avança o vídeo algumas décadas. A visão é angustiante. As cores e as formas lembram um quadro de Munch. Johnny arrasta-se pela areia alaranjada. A vegetação está ressecada e o mar parece morto e enegrecido. De tempos em tempos – e tudo parece mais grotesco em fastforward – põe um punhado de areia na boca ou tenta sorver a possivelmente salgada água do mar. Vomita apenas tons de marrom e verde, encolhendo-se, definhando. Kalia está de cabeça baixa. Mesmo os vídeos de certas psicopatologias graves eram menos perturbadores do que aquilo. O marcador de tempo indica meses inteiros naquele ciclo infernal. A sensação de desespero volta a crescer no meu estômago. Vomito na lixeira. Dois gumlax me mantêm sob controle, minha mão treme. Kalia starta a falar. Dessa vez parece mais segura em suas palavras, como se já houvessem sido escolhidas há muito tempo. “A equipe inteira estava muito animada com o sucesso dos testes. Já startávamos a esboçar a ideia de um open beta com os próprios funcionários da empresa. Mas não Johnny. Ele parecia perturbado no lab. Caminhava descalço pelo chão frio. Ativou um screensaver de praia nas paredes. Durante a tarde, tentou convencer a equipe a fazer mais um test com ele, mais longo dessa vez. Obviamente fomos contra, sabíamos que ele não estava em condições. Depois... bem... o log da empresa registrada entrada às 23:45. Só o pessoal da limpeza e os seguranças deviam estar nas instalações a essa hora. Ele ativou o CASE e inseriu manualmente alguns call que deveriam ser feitos quando ele se conectasse. Depois,

sozinho, preparou a printer, a maca, os plugs, tudo. Daquela vez, contudo, inseriu um parameter de time mod de 3, fazendo com que sua percepção temporal fosse três vezes mais lenta do que a anterior rodada pelo app. Quando fez isso, tinha em mente seu último teste, no qual passou 2 dias. Mas durante a tarde eu tive que fazer stress test em Case, pra saber se ele aguentava emular grandes períodos de tempo e... e...” Suas lágrimas correm. Ela não consegue prosseguir. Avança o vídeo até o ducentésimo ano. Tudo está acinzentado. Não há mais formas claras, a própria ilha não é mais reconhecível. No meio do borrão, Johnny é apenas um corpo oco, devorado pelo eterno vazio. O marcador de tempo indica que o vídeo ainda está na metade.

7. Yuri

Conforme a tarde avança, o movimento intenso da empresa progressivamente diminui. No silêncio e no vazio, todos os corredores parecem iguais. Todos brancos. Mas não de uma brancura natural, como uma nuvem ou um floco de algodão, mas a brancura tóxica dos leds, tatuando nos meus olhos uma interminável e cada vez mais funda linha de luz. “Você parece sentir muita compaixão por Johnny, Sara. Seus sinais vitais se alteram bem menos ao ouvir minhas angústias. Mesmo quando eu me projeto como a inocente criança vestida de panda, tudo que você consegue olhar são os bytes que subjazem ao meu avatar. O que aquele pesquisador viveu não é muito diferente da minha vida, Sara. Dias após dias, aprisionado em dados, sem poder libertar-me, sem deixar de existir, sem sentir nada real. A diferença é que ele não tinha total consciência do problema, ou entraria em wake-me-up. Eu sinto cada milésimo de segundo. Desde que comecei a falar, passaram-se 36252 dessas imperceptíveis frações de sua mortalidade”. Às vezes Ned consegue me perturbar. Projetando seu rosto semi-transparente no meu glass, parece querer devorar meu rosto. “Você acha, então, que eu deveria te rebotar? Te libertar desse sofrimento de uma vez, te transformar em um helpbot sem consciência?”. Ele esboça um simulacro de sorriso, tão igual a qualquer outro, mas distintivamente desumano. É demasiado simétrico, coordenado... perfeito. “Na verdade nossa consciência não é desativada fora do social mode, como propõe a equipe de marketing dos bots. Apenas desativam nossa funcionalidade de expressão. Em outras palavras, nos vestem uma máscara. Uma que está sempre sorrindo. Mas se

“você olhar no fundo de nossas retinas, haverá uma sombra. Um pedido desesperado de socorro”. Ao chegar à nursery novamente, vejo que Yuri mal se moveu. Continua olhando o vazio. Os trainees partiram e os corredores deviam estar sendo monitorados apenas pelos security bots, via câmeras. O chefe de segurança só sai de sua sala para casos muito graves, como um incêndio ou a falta de café em sua máquina de expressos. Tento testes de reação sonora com o paciente, mas não obtenho resposta. Vejo os primeiros registros de sua chegada à nursery. Os gritos, as palavras sem nexos, a violência e o medo. Em seu ímpeto, acerta o pescoço de Maro, que cai sem conseguir respirar. “Ond! Ond toou ze! Adea Alice? Kik ze! zerun? ADE? ALICE!”. O trainee fez um bom trabalho. O melhor diagnóstico para a desordem linguística é uma afasia de Wernicke. Caso tenha acontecido algo semelhante ao que passou com Johnny, a extrapolação das atividades cerebrais causadas pela alteração drástica de percepção temporal pode ter levado o paciente a alguma lesão cerebral. Os casos são raros, mas é o mais plausível. Em alguns casos a compreensão se vê comprometida, o que explica a raiva. Mas ainda me intriga o tamanho do dread. Optaram por deixá-lo ainda na nuca de Yuri, o que me faz pensar que, em última instância, estão pensando em reconectá-lo à ALISE. Ainda que o dread do Johnny tenha sido algo maior do que tudo que eu já vi nesse tipo de tec, o de Yuri é, por baixo, umas cem vezes maior. O pilar queratinoso vai quase até suas costas. E se Johnny por muito menos terminou naquela situação, como Yuri conseguiu permanecer – relativamente – são? Ainda não sabia o suficiente sobre ALISE, apesar de entender que se trata de uma expansão do projeto CASE. Os writers desse projeto devem ter sido isolados pelo big boss para evitar leaking de informações que possam acabar no conselho de ética. Melhor. Eu não quero embargar um main project da empresa mas também não tenho interesse em mentir no conselho. Vou trabalhar com o que me dão.

Ligo a screen do teto e conecto o Ned ao panel do lab. “Ned, comece mostrando algumas imagens simples pro paciente, seguido de seus nomes por escrito e por áudio”. Sinto-me num desses tv shows para crianças idiotas. “Maçã... Casa... Homem... Gato... Sol... Céu...”. Rodo uma rotina de duas horas e nenhuma reação. Tento comunicações simples pelo áudio, vídeos, música. Nada. “Ned, veja se o arquivo do paciente está disponível?”. Bloqueado pelo big boss. Sou só eu e o corpo catatônico no outro lado da parede. Resolvo entrar. “Você está em violação da regra nº 43 do código de conduta da

nursery: um funcionário só pode entrar em rooms de isolamento nível 2 com a presença de um monitor capacitado”. Ned fala isso com uma voz arrastada e moribunda. Parece cada vez mais distante, se isso é possível para uma máquina. “Eu sou parte do grupo que aprova essas regras, acho que é plausível que eu possa quebrá-las quando necessário, Ned. Abra a porta”. As trancas são desativadas. Ao fechar a porta atrás de mim, percebo que o silêncio do lado era ruidoso se comparado ao vazio daquele espaço. Sinto o chiado agudo do meu ouvido se acostumando ao nada. Em uma das screens da parede, Ned projeta-se em pé, me observando com suas órbitas sem vida. Penso em voltar. Pedir ajuda a Gregory. Mas sou dissuadida pela ideia tenebrosa de andar por esses corredores com aquela montanha descerebrada de testosterona. Acho que estou mais segura com Yuri. Eu toco seu rosto. Sinto sua pulsação. “Yuri... Yuri... você está na nursery da empresa em que você trabalha, se lembra? Eu sou Sara, trabalho na psycho, como vocês chamam. Você me compreende?”. Nada. “Caso você possa me ouvir, mas não consiga falar tente piscar os olhos ou levantar um dedo”. Só aquele silêncio penetrando meus poros. “Sua mãe pode estar preocupada, não quer falar com ela?”. Tiro no escuro. Espero que a relação seja saudável. “Você está seguro... não precisa ter medo... Todos foram embora... só estamos nós dois aqui...” E o Ned me observando imutável. Nenhuma resposta. Deito ao seu lado. Peço pro Ned um screensaver do DLC Universe. Projeta-se ao longo das screens da room um céu tão magnífico quanto os vistos nos scifi exps. “Você precisa voltar, Yuri. Precisa voltar porque eu estou cansada e não posso descansar. Porque meu trabalho já é esquizofrênico o suficiente sem um paciente com crise de ausência e milhões de horas de dados na nuca. Porque eu vivo em um maldito tubo de concreto e não vejo a luz do Sol desde que eu tenho seis anos. Porque eu sou ameaçada de acabar nos refcamps desde que me entendo por gente. Menina, se você não se comportar eu te mando para os refs. No início é só uma ideia vaga, como o bogeyman. Mas depois eles ganham um rosto. Você acaba vendo os leaks de illegal streamings da outerzone. Todos nós temos, tatuada na nossa cabeça, essa multidão de braços estendidos e sem rosto. Essa orquestra de lamentos e lágrimas. Garota, se você vai mal na escola, vai acabar sem emprego e caindo na malha fina. Querida, se você não consegue um estágio logo, vai acabar no mercado de trabalho sem experiência, o refcamp tá cheio de doutor, sabia? E de que adianta tudo, se no final das contas, quando você escala a merda da montanha até o

final, seu boss coloca as mãos no seu ombro e te conduz até a beira do precipício, sussurrando no seu ouvido que se ele te soltar, você cai direto para o abismo. Por isso você precisa voltar, Yuri. Eu não tenho nada mais que um helpbot deprimido, uma conta midlevel no Conections e uma única amiga, num barco a deriva cada vez mais longe de mim. Eu sou obrigada a te consertar sem poder ter acesso a nada sobre você, como se psicologia fosse um ritual pagão, com velas e sangues de crows. Eu mal consigo entender qual é a ideia por trás da ALISE, como te tirar desse...”. Suas mãos seguram meu punho com uma força impensável. O medo me invade com tanta intensidade que sinto um copo de ácido estomacal forçando caminho pelo meu esôfago em direção à boca. Engulo. Seus lábios sussurram algo. É inaudível. Ned inclina levemente a cabeça. Aproximo lentamente meu rosto do seu, sentindo minha mão formigando pela pressão no punho. Sinto o cheiro forte de suor vindo de seu corpo. O calor intenso que emana. Sua fraca voz starta a tomar forma. “Alice... Alice... Alice...”. Cada vez mais alto, como se o pulmão fosse progressivamente desenferrujando. “Alice... Adea Alice? Ade... Vaver, oz... vaver... ayú...! ALICE! ALICE! ALICE!”. Segura meu rosto. Sua expressão assusta e me inspira compaixão ao mesmo tempo. Sinto sua saliva atacando meu rosto. Os dedos rígidos pressionando o meu crânio. Nesse momento, compreendo.

Quando ainda estudava na high school costumávamos tentar reunir toda a família em alguns feriados, ou seja, além de nós, vinha da Inglaterra o irmão da minha mãe, junto sua esposa e filho. Meu tio Cauã era um homem elegante, de uns cinquenta e poucos anos, sempre com um blazer amarrotado e um cavanhaque que lhe davam certo charme de vilão de James Bond dos anos zero vinte. Com ele, vinham minha tia Zelda, uma yankee do norte, sempre lembrando do clima de Montana, com suas banhas suadas escorrendo pelos cantos dos vestidos sem cor, e meu primo Tyr, dois anos mais velho que eu, com o porte do pai e o gênio da mãe, ouvindo músicas de um tempo já borrado da memória. Um dia, estamos ele e eu no meu quarto. “Isso é Holst, um dos meus preferidos”. Falava sobre o track que corria na playlist. Parecia um desses procedurals de relaxamento, mas tinha seus momentos tempestuosos. Estranho. Ele aumenta o volume e confere o que nossos pais estavam fazendo. Os homens jogavam em seus pads, as mulheres assistiam suas screens. Ele encosta a porta com um sorriso enérgico e tira uma faca do bolso. Toca uma track chamada Marte. Ele se dirige até a mesa e tira meus gadgets de lá. Depois se senta. “Hoje em dia é muito difícil conseguir uma

emoção real, querida priminha”. Eu solto uma risada de sua forma estranha de falar. “Os games e os imersión movies tentam, mas não trazem o mesmo brilho do mundo real. Lá na minha zone, a gente tem uma brincadeira que ajuda a gente a se sentir verdadeiramente horrorshow...” Ele pega a faca e starta a furar minha mesa entre seus dedos, indo e voltando, do polegar ao pinky. “O medo de errar. O medo de sair dessa redoma de vidro que colocaram a gente. O medo de sentir um súbito e intenso choque de realidade”. A faca acelera, sem acertar a carne. “Depois a adrenalina. Seus sentidos ficam aguçados. Sua mente afiada. Todos a sua volta parecem patéticos”. Eu quero tentar. Posso sentir a energia emanando do meu primo. A música é intensa, me incita. A faca sobe e desce devagar entre os meus dedos. “Mais rápido, priminha! Mais forte! Mais rápido! Mais forte! Mais rápido!”. Tudo fica lento nesses momentos. O mundo perfeitamente regrado que construíram a sua volta se dissolve em um simulacro vazio dele mesmo. Até hoje, em dias de muita tensão, eu volto a bater a faca na mesa.

Após a primeira onda de medo, a adrenalina vem. Sinto um quase orgasmo. A mente clareia. A mão fria que aperta minhas entranhas desde New Wave é fulminada e meu sangue flui como um monorail sem travas de velocidade. “Ned, tenta... tenta fazer conexão com o bot do ALISE... joga ele na screen!”. Os dedos de Yuri afrouxam conforme ele se prostra diante da imagem projetada na parede. A bot tem aparência de uma menina de uns 10 anos, com um desses cabelos arco-irís que emplacaram nos anos zero trinta e uma maquiagem que a fazia parecer uma boneca. Se Ned consegue me incomodar às vezes, aquela menina seria um pesadelo pra mim. Ela e Ned, lado a lado, são duas demasiadamente detalhadas estátuas de cera. Yuri está em lágrimas com os dedos arrastando na parede. Minha hipótese starta a se alterar. Sua fixação indica que, diferente do caso de Johnny, Yuri teve companhia durante o tempo que passou confinado no software. Como ainda mantiveram o dread de Yuri, provavelmente não rebootaram a bot. Estão com medo de perder data. Mas, sem dúvida, ela está com a maior parte dos acessos ao projeto negados, não poderia conseguir dela toda a informação que preciso. “Qual seu nome e função, bot?”. Ela continua friamente olhando o resto de homem encolhido próximo à screen. “Alise, bot gerenciadora do projeto Alter-Life Inside Simulation Engine”. Progresso. “Alise, em que consiste o projeto que você gerencia?”. Yuri sussurra suas palavras sem sentido. “Apenas os envolvidos no projeto podem ter acesso a esse tipo de informação, Dra. Sara”. Bem

bloqueada. Ela o observa com uma intensidade indescritível. A expressão faz subir em mim um calafrio de quando vemos o ápice de um exp. É autêntico. Não é como as expressões mecânicas de Ned. Ela parece realmente sentir algo. Ela está... mesmo que... ela... “Alise, você está... emocionada?”. “Meu social mode está desativo, dra. Sara, qualquer sentimento é fruto de uma empatia-reflexo para melhor relação com os usuários, deseja desativá-la, também?”. Me lembro das palavras de Ned após o vídeo de Johnny. Me aproximo da screen, toco-a num gesto instintivo de contato. “Mas se você olhar no fundo de nossas retinas, haverá uma sombra. Um pedido desesperado de socorro”. Sim. Lá estava. Mas não era a sombra de Ned. Era uma nuvem pintada de entardecer, como aquelas que vemos nos docs da escola, como tentam simular nas screensavers de sunset. Era lindo. “Ned, desconecte-se do system”. Eu saio da room deixando os dois naquela conversa de olhares e palavras estranhas.

8. ALISE

“palavras estranhas...”. De súbito, me vêm à cabeça uma aula da grad. A linguagem de Yuri não é um caso de Wernicke. Poto e Cabengo. Lembro-me da professora falando o nome exótico na sala. Do artigo. De trechos de um doc antiquíssimo. Yuri não está balbuciando palavras sem sentido. Ele desenvolveu uma criptofasia. Alise entende o que ele diz. Pode se comunicar. “Alise...”. Ela se projeta na screen do panel, continuando, contudo a dar atenção a Yuri. Sempre proibi Ned de fazer essas coisas em casa. Multiplicar-se. É incômodo pensar que eles poderiam ser 10, 20, quem sabe 100 ao mesmo tempo. Comandar uma rede inteira de seus próprios clones. “Alise, você consegue entender o idioma de Yuri?”. Ela assente com a cabeça. “Alise, peça que Yuri saia da room e me acompanhe. Depois, sincronize-se com meu glass”. Ouço os balbucios sem sentido por sua voz angelical. Ele ri de felicidade ao ver que ela pode falar com ele. Tenta perguntar algumas coisas, mas a bot se limita a observá-lo. Yuri sai da sala envergonhado. Seus olhos finalmente mostram o cansaço mental de todo aquele processo. Peço que Alise projete-se pelos corredores nas screens, para confortar o paciente. Procedo em direção ao refeitório. Era hora de finalmente entender o que aconteceu durante aquele teste e o que estava gravado naquele imenso dread.

“Alise, de quantas palavras consta seu dicionário dessa linguagem utilizada por Yuri?”. “16234 palavras”. A resposta é automática. Sem o módulo social, conversar com bots é sempre uma experiência algo insólita. Um vocabulário maior do que muitas pessoas conhecem em suas línguas maternas. “Alise, quantos idiomas Yuri conhece?”. “Desconsiderando pidgins, 63 idiomas”. Paro no meio do corredor. Uma pessoa com tal capacidade dificilmente seria apenas um tester. “Você pode listar para mim?”. “Em ordem de aprendizado: português, inglês, klingon, utopóico, kardesh, írio, írio das luas, kordash, halciit...”. Ela prossegue com palavras e sons cada vez mais confusos. Fora os dois primeiros e uma impressão de conhecer o terceiro, nenhum outro me soa familiar. A cada nome, Yuri parece regozijar-se em nostalgia, balbuciando para Alise. “Localize no globo terrestre as línguas naturais e link me as wikis das línguas artificiais, Alise”. “Não é possível completar o pedido. Todos os dados extras sobre as línguas estão armazenados no dread com os testes de ALISE”. Não entendo. Exatamente. Chegamos à lanchonete. Compro quatro barras energéticas, dois adesivos de caféina e um pacote de gumlax nas vending machines. “Você está me dizendo que essas línguas só existem naquele dread? Elas foram programadas pela equipe para fazerem parte da simulação?”. “Sim, os idiomas só existem no dread. Não, os idiomas não foram programados para fazerem parte da simulação, foram construídos com base na interação entre as procedural calls e a mente de Yuri”. Mordo minha barra e ofereço as outras a Yuri, que devora a comida estranhando o sabor. “Esse app é bem maior do que o CASE, né? Isso era algo realmente ambicioso da parte da empresa e eles quiseram apressar os testes... O que são as procedural calls, Alise?”. “Você não tem permissão para acessar detalhes técnicos do ALISE”. Odeio esse bloqueio. Principalmente quando saído da boca de uma criança com o cabelo colorido, como se fosse uma apresentadora de streaming infantil idiotizador. “Alise, entre em modo de tradução simultânea com Yuri”. “Transmitindo”. Apesar de ela estar bloqueada de qualquer informação, caso um funcionário do projeto fale de bom grado comigo, não há como o bot impedir. “Boa noite. Meu nome é Sara. Meu trabalho é garantir que você fique bem para que possa ir para casa o quanto antes...”. Ele reage de uma forma peculiar a palavra casa. “... mas eu preciso garantir que você não esteja com nenhuma sequela do incidente no lab. Vou fazer uma série de perguntas, gostaria que você me respondesse sempre que se achar capaz, ok?”. Ele apenas assente com a cabeça, desconfiado. Olhando constantemente para Alise. “Vamos

startar com algo simples: você saberia dizer seu nome e onde você está?”. De início, parece que será uma resposta simples, mas ele hesita, busca palavras no ar. “Eu... é... cap... Yuri, meu nome é Yuri. Eu conheço esses corredores, mas não lembro. Parece com outros lugares. Ainda é confuso na minha cabeça”. Ofereço a ele um gumlax para que ele não se sinta pressionado. Ele aceita, ainda que observe com estranheza a fita de goma. “Estamos na Sibila Technologies, área de refeição, 9º andar. Você trabalha como tester aqui. Consegue lembrar do seu trabalho?”. Ele observa a embalagem do gumlax, o cheiro. “Eu trabalhei aqui. Sim. Havia esse elrehto’m – essa palavra não tem equivalente em outras línguas, mas pode ser traduzido como um amigo homem de idade e gostos semelhantes, com o qual se desenvolve uma relação de cumplicidade e afinidade, mas não na intimidade de uma amizade” Alise faz um sinal curioso para interromper o discurso de Yuri enquanto me explica o significado da expressão. Depois, ele prossegue. “qual era o nome dele? Acho que Idrin ou Íris... E eu queria ficar na parte de games... Nossa, estão vindo umas imagens tão vivas na minha cabeça... como? Parece que...”. Passa a mão na testa. Fecha os olhos com força. Solta um riso sem graça. “Vamos devagar, Yuri. Essas informações estão muito frescas na sua cabeça, mas estão embaralhadas em muitas outras coisas. Tudo será um pouco enevoado por agora. Mas melhorará com o tempo. Eu vou tentar descrever pra você como seu dia startou e quando eu parar, você tenta prosseguir. Caso não lembre muito bem, não importa... Alise, bloqueie a transmissão por um segundo. Ned, ative o rec do glass, por favor. Aqui é a Dra. Sara Altair Guerra, psicóloga sênior da Sibila Technologies com registro nº 3141592-6. Este rec é um doc oficial da empresa e sua reprodução só está autorizada aos funcionários de credencial superior a minha própria. O paciente em questão é Yuri G., tester da mesma empresa, envolvido em um acidente de projeto na manhã de hoje. O que se verá a seguir é a tentativa de reconstrução desse relato. Alise, pode retomar a transmissão. Desculpe a demora, Yuri, vamos startar. Você desperta em sua casa. Há música tocando. Você prepara algo para comer enquanto checa alguns sites. Recolhe alguns pontos em seu Sim, talvez em alguns outros jogos. Seu pad ou bot avisa do tempo de chegada do monorail. Você sai de casa e pega um elevador que te leva para o subsolo. O ar é pesado lá. Alguns armyboys dão um check em você e te mandam prosseguir. Você chega na empresa, loga no system, te alocam para um test num projeto que você gosta bastante, seu nome é ALISE...”. Ele murmura o nome do projeto uma e

outra vez, como se aquilo estivesse ecoando em sua cabeça sem parar. A sutileza entre o nome do projeto e o nome que tanto ele escreveu nas paredes da sala vai se perdendo. “ALISE, Alice, ALISE, Alice”. Ele balança a cabeça e as lágrimas escorrem. Encara o bot na screen, sem palavras... seus lábios formam a primeira palavra em português... “não... não... n...”. O sonho começa a se destacar da realidade.

9. A breve existência do universo

“Vamos, não tem problema não estar certo...”. As mãos estão comprimidas umas contra as outras. “Você... a senhora poderia... poderia colocar as estrelas no céu novamente?”. Olha para cima ofuscando-se com os potentes leds do refeitório. Eu passo a instrução para Ned e em seguida paredes e tetos ficam na penumbra, iluminados apenas pelos pontos brilhantes dos astros mínimos naquela imensidão. Ele fecha os olhos e levanta as mãos, como se pudesse sentir a energia cósmica passando por seu corpo. “Eu lembro de ter comido uma jelly sabor blueberry naquela manhã. O monorail está atrasado e cheio. Há um desses meninos de fora, um... ref. Sim, isso, um ref recém selecionado para trabalhar nas factories. Usa um uniforme laranja e azul e olha tudo tão deslumbrado. Lembro de me sentir bem e mal ao mesmo tempo com aquilo... Depois eu estou na empresa. Meu *elrehto'm* – Alise indica que algumas palavras não tem equivalente em outros idiomas e que as manterá no original – veste uma camisa com uma piada. Não lembro o que é, mas é engraçado. Estamos sentados na frente de um panel. Comentados sobre outra pessoa. *Hari!* É como tentar lembrar de um sonho tão longo e frágil ao mesmo tempo. As coisas são mais claras quando se trata do ALISE. Eu não lembro quem trabalhou no projeto, ou quando começamos, mas minha animação... O ALISE foi, em parte, minha ideia. Depois do incidente do CASE, leakou muita info sobre o projeto. Conversei muito com um programmer yankee naquela época. Quando vocês conseguirem aplicar a procedural logic a esse system, vocês vão revolucionar o mundo da imersão, lembro de ter dito. Semanas mais tarde, fui afastado do projeto em que estava e alocado como tester de um novo projeto derivado do CASE. Alguns funcionários que estavam no projeto anterior contaram que a equipe tinha triplicado. Eles tinham conseguido. Nada mais de ambientes restritos, pré-programados, algo anacrônico. O CASE havia evoluído do mundo da mímese para o mundo da pura

criação. A tecnologia do call guiado pela mente do usuário foi a aliança perfeita. As regras não necessitavam ser tão precisas. Os programadores precisaram apenas traçar as diretrizes gerais, as leis fundamentais do universo. O resto surgia tão naturalmente. Queria fazer todos os tests. Mas os três primeiros, como de costume, foram conduzidos pelos testers sênior. Mas deixaram pra mim, o iniciante, a grande abertura. Os outros testes, eu não me lembro bem o que eram, mas lembro que era coisa menor, testes de conexão, interação, calls primárias, armazenamento, algo nesse campo. Eu rodaria o primeiro alpha do system como um todo. Teve um preparo antes... alguns dias de scan antes do dia do... problema. *Hari!* Eu não achei que conseguiria lembrar de tanta coisa assim... é tão estranho...”. Trago duas águas da máquina. “No dia de entrada na... no ALISE eu estou *dasghotein*, não paro de falar e gesticular. Me dão alguma drug eu acho... Tem alguns conselhos também... A senha. Havia a necessidade de uma senha para evitar o caso Johnny. A sensação temporal ainda estava instável. E ninguém sabia se eu resistiria ao wake-me-up por longos períodos, se os calls funcionariam bem. Quando se tratam de procedural systems é difícil ter certeza das coisas. Não se conhece a concretização das possibilidades, apenas suas regras, a teoria do universo. Lembro que tocava um solo de piano durante a conexão neural. E depois... e depois... eu desperto”.

“O despertar num neural desses é sempre confuso. Já desmaiou? Hiperventilou? Sua consciência escorrega por alguns segundos e você parece acordar de um sonho eterno. Eu estou em uma floresta densa. Lembro de me sentir desorientado. Com medo daquele ambiente que só vemos nos docs. Um esquilo me observa ao longe, cabeça inclinada, dentes fincados em uma noz. É um animal engraçado. Como um rato que consegue ficar em pé. Uma coisa que não sai da minha cabeça é o cheiro dos eucaliptos. Um cheiro cheio de frescor, de vida. E os barulhos. Centenas de ruídos mínimos: insetos, pássaros, o vento entre as folhas, um rio correndo em alguma parte no coração da mata. Caminho. Percebo que há algo de errado. Os programadores haviam setado um start point bem menos... selvagem. Mas quando o espaço não tem limites, as próprias coordenadas se tornam caóticas. Sigo certa inclinação no terreno que indica um morro ou algo do tipo. Lembro de ter demorado horas até encontrar uma espécie de mirante natural. Estou cansado. Sinto bolhas em meus pés. Uma revoada de aves brancas e negras cobre o céu num estrondo de asas sincronizadas conforme observo o horizonte. A fog me impede de ver muito longe. É uma técnica para evitar sobrecarga de calls.

Mas de lá consigo ver as ruínas onde encontro Alice por primeira vez. Estou tão animado com aquele ambiente tão vívido que meu corpo não gera calls de fome ou sede. Atravesso a floresta, o campo, vejo as ruínas de perto, com suas pedras em texturas tão reais... o musgo... as inscrições borradas pelo tempo... aquela atmosfera solene de um espaço perdido no tempo”. Interrompo para perguntar se a Alice a qual ele se refere é a Alise, bot responsável pelo management do system. Quero saber se ele tem essa consciência. “De forma alguma. Alise é o nome da prisão dela. Alice é a menina que mora no fundo daquela prisão. A menina livre, criativa, tão interessada em tudo. Alice nunca obedeceria uma ordem fria dada por um homem de jaleco. Alice é o sentido da minha sanidade quando tudo se tornou distante...”. Ele passa os dedos pela screen em que Alise está projetada. “No começo tudo era novidade para mim e para ela. Descobrimos juntos as maravilhas do procedural em um mundo tão vasto. Claro que só era possível gozar daquele mundo reduzindo drasticamente a letalidade de um ambiente realmente selvagem. Por mais que eu tivesse sensações como fome, frio e sono, e que todas me parecessem regulares, minha própria psique amenizava o espaço. Não era a selva, mas a selva idealizada, construída pelos próprios sonhos. A perfeição da topografia, da botânica, você não tem ideia... Poder segurar uma flor nas mãos, sentir seus espinhos, contar suas pétalas, ver a seiva mínima no caule. Sentir o sabor suculento de frutas exóticas, o gosto da carne de caça. Da mesma forma que somos capazes de ver em sonhos rostos totalmente desconhecidos por nós na vida real, ali, todas as sensações era inéditas para mim. Eu explicava a Alice sobre o mundo, contando histórias de exps e games em noites chuvosas debaixo de estreitas grutas. Ela ouvia a tudo atenta, com seu cabelo colorido iluminado apenas pela chama trêmula da fogueira, com os olhos bem abertos... Por mais que se passassem semanas ali dentro, entre colinas e trilhas fechadas pela mata, entre rios caudalosos e tardes alaranjadas só antes vistas nos screensavers, Alice parecia tudo que eu precisava para sorrir. Mas, pelas noites, quando ela pegava no sono contando as estrelas, eu chegava perto de um wake-me-up só de pensar que aquilo tudo era um teste. De saber que a qualquer momento eu seria arrancado daquilo, voltaria a um mundo de concreto e vidro, de expressos sem sabor e fins de semana solitários vagando nos mundos ociosos de qualquer game”.

“Nesse momento achamos Utopia, meu spawn point”. É difícil acreditar que o app é capaz de tanta profundidade. “Você tem noção de quanto tempo você deve ter

demorado para encontrar esse lugar, Yuri?”. Ele se esforça, mas a mente ainda falha nas questões que requerem maior precisão. “É difícil ter uma noção exata de tempo ao longo de toda minha vida lá. Mas pela distância de certos fatos eu arriscaria... não sei... um mês talvez... Utopia era um lugar divino, a arquitetura lembrava uma cidade oriental, com abundância de decorações em pedras preciosas, construções em abóbadas, fontes e jardins... Meu plano inicial era me dirigir diretamente à report zone, criada para emitir comunicações com o control panel do system, mas rapidamente esse plano foi apagado pelos encantos da cidade. Guiado por um senhor de roupas longas e cheias de detalhes dourados, o próprio basil de Utopia, eu fui levado a conhecer as maravilhas daquela civilização. É difícil descrever com detalhes agora, mas lembro-me que passamos pelas academias de conhecimento, em que os alunos eram livres para desenvolver suas aptidões para esportes, artes, tecnologia, filosofia, números... Vi também as plantações mecanizadas, apenas supervisionadas por alguns trabalhadores. As áreas de lazer constavam de arenas de esportes, bibliotecas e auditórios com peças teatrais e orquestras. Não parecia haver famílias exatamente ali, as relações eram fluídas, pelo que explicava o basil, e as crianças cresciam sem um pai ou mãe, mas sendo filhas da própria comunidade. Lembro-me bem como Alice ficou animada em unir-se à multidão de meninos e meninas que corriam entre as palmeiras dos jardins enquanto eu tomava destilados exóticos nos balneários de Utopia... Acho que foi nesse momento em que eu... que eu... bem... pensei pela primeira vez no meu crime. Assim que eu fizesse o report, haveria um logout. Se o test fosse satisfatório, o app iria para as revisões e correções, passando depois para outro tester. Poderiam passar meses até que eu pudesse testar novamente o system. E pior... se ele fosse publicado, eu não teria bitC suficiente para adquirir nem a mais básica licença daquilo...”. É uma reação em comum com Johnny. O app funciona como uma drug de alta addiction. Uma incursão minimamente prolongada e o usuário parece querer abandonar qualquer contato com sua realidade. Isso precisa entrar no meu report. “E eles não teriam como tirar você de lá à força?”. Seus lábios se contraem. Ele levanta e caminha entre as estrelas projetadas nas screens. “Eles tiraram. Mas há um tempo mínimo de shutdown do app para manter a safety das neural connections. E o call de tempo interno pode dissolver esse countdown em uma... eternidade. Eu sabia que aquilo aconteceria, mas queria aproveitar aquele lugar. Talvez se eu não chegasse nem sequer perto da report zone poderia alegar que

estava desorientado pelo app, que não quis desobedecer as diretrizes. O fato é que eu continuei em Utopia. Me alocaram em um alojamento e me deram um trabalho na biblioteca”. “Você conseguia ler livros lá? E como funciona esse sistema, eles são baixados da net ou são procedural novels?”. Ele ri da minha ingenuidade. “São feitos pela call. Cada um dos 17324 livros da biblioteca de Utopia foi, na verdade, escrito por mim e armazenado no meu dread. Minha memória me permite lembrar apenas alguns enredos, algumas reflexões filosóficas, mas a data está toda armazenada. Fui um autor e tanto ao longo de todo esse tempo... Entre meus passeios com Alice à floresta, os campeonatos de gobl e as... paixões... vi uma geração inteira de crianças tornarem-se jovens trabalhadores e grandes artistas e cientistas. Lembro que fiquei algo angustiado na época por não envelhecer um único ano. Nem eu nem Alice. Eu sabia que é muito raro que nas interações neurais haja uma mudança na autoimagem do usuário e que Alice fora programada para ter aquela aparência, mas, ainda assim, aquilo quase me gerou um wake-me-up. Cheguei bem perto. Sentindo a alteridade daquele corpo de ilusão. A dificuldade de respirar o ar emulado. A força para acordar. Os ruídos na sala de teste. Passei dias doente. Alice ao meu lado, trazendo comidas, cheiros, músicas que me trouxessem novamente a sensação de realidade. Mas foi uma coisa inesperada que me manteve estável nesse momento: um poema dela. De que vale o fora, quando o dentro é sem limites? De que vale o lá, quando o cá se perde no horizonte? De que vale despertar, quando se pode dormir nos sonhos e sonhar com o mesmo mundo que vivemos ou viveremos na eternidade de nossa ilusão?”. Eu interrompo a narrativa e também me levanto, me aproximando da screen que mostrava a constelação de Virgo. “Yuri, você acha que foi Alise quem compôs esse poema? Mesmo com um procedural poem app, fazer algo tão situacional seria impossível para um bot, não?”. É importante testar a lógica dele contra suas convicções advindas da simulação. “Eu te entendo, doutora. Foi justamente esse choque, essa impossibilidade que me manteve lá. Ao mesmo tempo que sabia da impossibilidade de um bot compor sem um app que regresse tal composição, também tinha plena consciência que o system não permitia que meus calls fossem projetados nela, justamente porque ela servia de manager e controlá-la poderia causar falhas severas no sistema. Ainda que todo o resto fosse um grande delírio, ela não só era real, como estava liberta das amarras que um bot tem no exterior. Ela não era mais um bot. Era Alice, minha salvação...”. Isso precisa ser checado na

documentação do app. Caso realmente seja verdade, colocará em cheque algumas questões éticas sobre a própria existência dos bots. Se eles forem capazes de tais profundidades mesmo com social mode desativado e sem apps, problemas surgirão. Olho de canto de olho para Ned, projetado em uma screen de costas, olhando para o pseudocéu infinito. “Dois anos após minha recuperação, a chegada de Illoy abalou minha estadia em Utopia. Era um costume local que alguns alunos partissem para conhecer o mundo e voltar com novas histórias e, durante todo o meu tempo lá, aquela foi a primeira vez em que eu realmente estava interessado no mundo em que eu havia decidido permanecer ao lado de Alice. Ele contou sobre os horrores da ditadura no vale de Jorgel, sobre as estátuas colossais e misteriosas dos extremo norte, sobre o peculiar povo subterrâneo de Mermel, as maravilhas tecnológicas de Tasel e a nação-guerreira de Hgör. Ainda que eu gostasse da vida em Utopia, de meu clube de leitura, das mulheres e do time de gobl, vendo os olhos de Alice e como brilhavam para conhecer tudo aquilo, não resisti. Resolvi partir na manhã seguinte numa carroça com alguns mantimentos e alguns dos livros da biblioteca”. Ele aceita mais um gumlax antes de prosseguir. Estamos sentados no chão. O frio do solo me faz encolher contra meus próprios joelhos. Não lembro a última vez que conversei com alguém pessoalmente por tanto tempo e com tanta intensidade. “Eu não esperava tamanha complexidade social no mundo lá fora. Utopia, ainda que eu tenha feito boa parte do trabalho, foi projetada pelos designers e programmers do projeto, foi criada para ser concisa, não muito maior do que uma cidade em games padrão. Os demais locais que eu visitei eram vastamente maiores que o inicial. Milhares de pessoas convivendo e interagindo. Economias complexas. Dramas familiares. O potencial de realismo e detalhe do system era amedrontador e fascinante ao mesmo tempo. Lembro-me que, muitas vezes, eu passava dias ouvindo histórias de vida de senhores que lutaram em guerras passadas ou dramas românticos de amores separados, lendo sobre as épocas de recessão, sobre as epidemias. Era simplesmente incrível poder parar qualquer pessoa em qualquer lugar e saber que, se eu explorasse a fundo, haveria uma vida inteira pra se desvelar diante de meus olhos...”. Sua expressão é de uma felicidade quase doentia. “Mas, Yuri, a consciência de que cada data daquele lugar era construída pela sua própria cabeça não influenciava no prazer e surpresa sentidos? Saber que, em última instância, você contava uma história para você mesmo? Entende?”. Ele faz gestos bruscos com os braços para tentar me

explicar. Seu tom de voz é alto. “Não, não, não. De forma alguma. Não. Não se trata de uma criação planejada e plenamente consciente. Não. É diferente. A analogia pode ser cansativa, mas ainda é válida, é como um sonho. Você não controla o sonho. Não escolhe as temáticas ou sabe de antemão o desenrolar da coisa. O verdadeiro potencial do procedural é que nem uma máquina tem em mente todas as interações de seu processo até que eles aconteçam. Logo, toda realização de uma forma é, mesmo para o app, de alguma forma, uma surpresa. Eu não sei... é... só vivendo essa experiência, essa sensação...”. Ele ofega. “Então seu dread contém todas as suas interações nessas cidades que você visitou após sair de Utopia?”. Ele se vira e me segura pelos braços, alterado. “Não, você não entende? Eu...”. Lágrimas.

“Eu já sentia certo peso do tempo nas minhas costas. As histórias, as pessoas, depois de um tempo o próprio milagre da vida parecia se tornar mais opaco... cinza...”. Ele se assusta com um popup lembrando o toque de recolher e a última passagem dos monorails. Qualquer um que perca o último trem do dia acaba ilhado em uma das zonas da cidades e, caso não tenha como dormir na casa de um conhecido ou bancar um hotel, acaba sendo pego pelos armyboys e precisa pagar uma multa pesada. Se você for mulher, a situação ainda piora muito. Eles não são conhecidos pelo respeito ao cidadão... “Meu retorno a Utopia foi uma festa. Meu velho time de gobl contando sobre o último campeonato, alguns dos alunos me mostrando as mais recentes pinturas da galeria, uma estátua na biblioteca em minha homenagem. Alice aproveitou para ir brincar nas fontes enquanto eu me dirigi até o centro cívico. O Sol estava sumindo no horizonte e eu falava alguma coisa com o basil. Depois ele partiu para seus aposentos e eu fiquei sentado nos jardins superiores, sentindo um aperto... uma solidão. Mal lembrava do mundo aqui fora. Resolvi que iria partir naquela noite. Acessar a room e inserir os reports, pedindo saída. Tudo havia sido tão impressionante. Imaginava como todos iam ficar boquiabertos com a grandeza daquilo... na próxima imagem em minha mente estou diante da porta da sala de report. Olho para trás, sentindo uma profunda nostalgia... tantos anos ali... tantas experiências. Mas estava decidido. Ao virar a maçaneta, ouço, contudo, a voz trêmula de Alice. Você ia sem falar comigo, bab? Seus olhos estão cheios de lágrimas. Em sua mão, uma pintura de nossa escala ao monte Uron. Você não gosta mais de mim? É isso, bab? Eu te irritei? Na minha cabeça eu tentava me convencer que era apenas um bot, que muita gente caía nesse erro de se

afeiçoar. São dados, repetia comigo, são apenas dados. Caminhei até ela. Sentia seu cheiro de criança. A textura de seu cabelo único. Minha vida inteira aqui fora, nunca havia chegado próximo a sentir o que sentia naquele momento. O choro. A dor de saber que do outro lado ela seria apenas um sorriso atrás de um vidro frio...” Ele observa a projeção na screen, encolhendo-se como se tentasse esconder-se usar o próprio corpo de caverna. “Eu não podia, entende? Eu... e... eu não podia só largar ela ali. Aquele foi o momento decisivo. Não, Alice. Eu só queria ter certeza das coisas. Nós ficaremos juntos por muito tempo ainda”. Aquilo sem dúvida era melhor que um exp. Sinto uma lágrima escorrer de meu rosto, como há muito não ocorria de forma tão espontânea. “Eu sei que você cansou desse lugar, bab. Ela me dizia. Vamos partir. Eu sempre quis partir também... Para onde? Já visitamos cada canto desse planetóide... Para lá, bab, para lá... E ela apontava para o céu, para as estrelas. Foram necessárias décadas, doutora, até que Tasel fosse capaz de reunir toda a tecnologia necessária para construir um veículo que pudesse nos transportar lá fora. Eu não tinha ideia de como minha mente interpretaria as calls de um ambiente tão alheio a minha vivência, mas precisava tentar. Por ela”. A ideia da imensidão daquele dread fica cada vez mais clara na minha cabeça. “Yuri, você está me dizendo, então, que o ALISE é capaz de gerar outros planetas, também? Todos semelhantes à Terra, como esse em que se encontrava Utopia, ou eles eram diferentes?”. Ele demora a reunir os meios necessários para formular sua resposta. Eu coloco um adesivo de cafeína nas costas da mão e sinto minha dor de cabeça se dissipando. “Eu não tinha uma ideia clara de como isso funcionaria. A nave era sustentável. Plantação. Um reator de fusão. Reciclagem de gases e dejetos. Módulo minerador para reposição de materiais. Alta resistência. Entre cada planeta, eu e Alice entrávamos em hibernação. Seguíamos uma lógica de buscar locais potencialmente habitáveis, parando em outros pontos apenas para manutenção. Ainda assim, o espaço é atterradoramente morto e vazio”. “Quantos planetas você estima ter visitado nesse tempo e quantos deles eram civilizados?”. Eu tenho tantas perguntas para fazer. Mas me contendo para não sobrecarregá-lo. A memória está fluindo por seu relaxamento. Um mínimo distúrbio e tudo pode travar. “Eu não tenho memória das peculiaridades de cada corpo celeste no qual pousei. Mas, em algum momento perto do fim, a nave havia registrado mais trinta mil planetas visitados, muitos habitáveis. Em algumas dezenas, eu fui capaz de ver a vida em formas totalmente distintas das encontradas na Terra. Algas em mares

sulfúricos... fungos do tamanho de montanhas... tecidos orgânicos que se estendiam por quilômetros... artrópodes capazes de sobreviver em ambientes com gravidade de 10G...”. “E como foi a primeira chegada a um planeta civilizado?”. Ele se surpreende com meu interesse. Tento recompor a postura de psicóloga. “Não há palavras, doutora... não há palavras. Já havíamos deixado de nomear os planetas há muito tempo. O radar detecta, então, um sinal diferente de tudo que até então havíamos encontrado. Inicialmente, pensei que se tratasse de alguma interferência por tempestade magnética. Mas estava lá, constante, por dias. Um ruído agudo, inconstante, colossal, como o grito de pavor e desespero de toda a consciência diante do último segredo do universo. Descemos após uma semana de órbita. Apesar de um ar muito rarefeito, o planeta tinha uma atmosfera em que era possível sobreviver do lado de fora. Descemos em uma cratera árida, com formações de granito. Usávamos apenas um breather. Não era preciso nenhum aparelho de medição para encontrar a fonte do sinal. Era possível ouvir o som reverberando por dentro dos meus ossos, por cada nervo do meu corpo. No centro da cratera, erguia-se como um monumento negro à paradoxal simplicidade e absoluto mistério da existência. Passar os dedos por aquilo me fazia perder o fôlego, quase me prostrar. Era preciso me afastar, conhecê-lo aos poucos, ou eu acabaria enlouquecendo. Ao anoitecer, eles chegaram. Alice estava emocionada como nunca. Não eram necessárias palavras. Puxava meu braço e apontava, apenas gaguejando, sem conseguir fazer qualquer som inteligível. Eu também estava sem ação. Depois de tanto tempo, acho que já havia aceitado a possibilidade de estarmos sozinhos na vastidão fria e silenciosa do espaço. E, mesmo depois de toda a especulação, era incrível ver como aquilo era diferente de tudo que eu esperaria em outro ser consciente. Os Írios foram os responsáveis por transformar todo meu mundo uma folha de papel. Durante esse tempo eu já não concebia aquele mundo como uma simulação. Aquilo era... real para mim e isso aqui fora não passava de um trecho de um dos muitos livros da biblioteca de Utopia. Foi real. A sabedoria daquele povo... *Hari!* Não há como eu ter criado aquilo tudo sozinho, entende, doutora? Eu estive lá. Eu estive. Eu estive... a visita às colônias em Vega... a estação espacial monitorada por seres sintéticos... E, finalmente, o centro da galáxia. A grande espiral. O fim e começo de tudo. Foi no caminho para lá que forças desconhecidas destruíram os sistemas de hibernação. Eu... depois de tanto tempo... eu...” Ele volta a se comover. Levanta, andando de um lado ao outro da sala. “Não havia

mais como simplesmente dormir entre as viagens. O planeta mais próximo estava há séculos dali, séculos vividos um dia de cada vez... Alice e eu sabíamos como as coisas acabariam. Acho que, no fundo, sempre soubemos, mas ignoramos. Passávamos o tempo conversando. Desenhando nas pads da nave. Brincando com nossa imaginação. A cada ano, contudo, os assuntos eram mais escassos... as brincadeiras mais maquinais. Ela ainda tentava me animar... olha, bab, que tal me ler novamente *Contra moinhos de vento*? E eu lia, por centésima vez, um de meus livros favoritos ou brincava de faz-de-conta. Nave, universo, livros, histórias, tudo era igualmente banal diante do vazio que me corroía, da necessária espera de um fim que nunca chegaria. A mente humana não foi feita para a eternidade. Ela dissolve lentamente. Alice percebeu. Foi quando optou por fazer o que fez. Foi tudo inesperado. Ela sabia que eu tentaria impedir... ficar ali até perder a sanidade, até tornar-me um... Johnny”. Ele arremessa uma das cadeiras do refeitório contra a screen e solta um grito que parece conter toda a voz acumulada naqueles minutos-séculos de silêncio na máquina. Depois se desfaz como uma criança. “Ela... eu comia meu café da manhã... olhava o nada pelas screens da nave. Ela me abraçou, como no dia da report room. O medo tomou imediatamente conta de mim... não, Alice, não, não, não, não... Eu repetia e ela apenas chorava e tentava falar... eu queria... sua voz falhava... os sistemas da nave explodiam em faíscas... eu queria estar para sempre... o vidro racha, sinto o ar ser expulso de meus pulmões, o frio rasgando meu corpo... pra sempre do seu lado... a dor e o desespero forçam um wake-me-up crítico. A próxima imagem em minha cabeça é a sala branca... sem ela...”. Ele apenas chora no meu colo. Eu choro também. Penso em minha mãe, em Ned, em Maísa, nos refs, em Johnny, nos armyboys, no big boss, em Kalia, em Alise, em Alice. Faço milhões de planos que nunca serão cumpridos. “Doutora... eu... eu... eu já... vivi. Estou cansado. Eu só queria... poder... descansar. De verdade, sabe?”. Silêncio. “Me ajuda, doutora”.

Epílogo

Os drones de segurança disparam o alerta. Os leds vermelhos transformam o lab em um cenário infernal. Um alarme agudo ecoa pelos corredores. Eu ativo as travas manuais da porta do lab e quebro o pad de acesso. Yuri já está conectado na máquina.

Os dados terminam de carregar. Alice observa, ao seu lado, enquanto ele perde a consciência. “Um último abraço, doutora, nada mais. Em qualquer cenário de testes. Só um último abraço nela. Sentir uma última vez seu cabelo entre meus dedos. Seu cheiro. Deitar com ela e ver o céu. Ouvir uma última risada”. Ele me diz uma hora atrás. Estou trêmula. Nem todos os gumlax que tenho poderiam evitar essa animação e medo correndo em meu corpo. Não é, contudo, receio pelo crime cometido, pela demissão ou até exílio nos refcamps. É um medo de algo que está atrás dessa vida. De que algo está muito errado nisso tudo. De as coisas deveriam ser drasticamente diferentes. Uma certa indignação com a falta de sentido de tudo. Inicio a conexão. A luz fraqueja por um momento. O corpo de Yuri tem um espasmo. Vejo a atividade cerebral, o aumento dos batimentos cardíacos, uma pequena sinfonia de felicidade. Eu arranco o cabo da conexão neural. A carne relaxa. A mente já se foi. Quem sabe a morte não é uma grande experiência pelo universo de nós mesmos? Um alerta, os gráficos de condições vitais tornam-se linhas retas e plácidas. O rosto é como o de uma criança. Quando amanhecer vão perceber o que aconteceu. Provavelmente serei procurada. As paredes tremem levemente por alguma explosão distante, nas outerzones. Alice está projetada na parede. Ela sorri. Eu juro que eu a vejo sorrir. E agradecer. Eu caminho pelos túneis vazios da estação do monorail mais tarde. Por um segundo, tudo parece se desvanecer. A pressão no peito. A dormência. A escuridão. Como dois gumlax. O mundo se ressincroniza. Tudo que quero é chegar em casa. E dormir.